

Sob a sombra do crescimento: o plantio de árvores na área urbana de Chapecó, entre 1960 a 1990

Lucas Antonio Franceschi

Graduado em História, Especialista em Cultura Material e Arqueologia, Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFS)

lucas@unochapeco.edu.br

Resumo

O município de Chapecó está inserido no contexto de ocupação dos espaços, sobretudo, a partir do início do século XX com a intensificação da colonização na região, e a gradativa intervenção dos seres humanos na natureza, alterando e desconfigurando a paisagem florestal. O presente trabalho trata das políticas públicas de plantio de árvores na cidade de Chapecó, Santa Catarina, durante os anos de 1960 e 1990, através de notícias publicadas em periódicos da cidade, identificando as medidas tomadas pelos governantes durante esse período para plantar árvores na área urbana do município, ou seja, o plano de arborização dos logradouros, as praças, os parques municipais.

Abstract

The municipality of Chapecó is inserted in the context of occupation of spaces, especially from the beginning of the 20th century with the intensification of colonization in the region, and the gradual intervention of human beings in nature, altering and disconfiguring the forest landscape. This work deals with public policies for planting trees in the city of Chapecó, Santa Catarina, during the 1960s and 1990s, through news published in city newspapers, identifying the measures taken by government officials during this period to plant trees in the area urban area of the municipality, that is, the afforestation plan for public spaces, squares and municipal parks.

Introdução

A cidade de Chapecó, localizada no coração do Oeste catarinense, testemunhou uma notável transformação em seu cenário urbano ao longo das décadas de 1960 a 1990, com o surgimento da agroindústria de grande porte e a freqüente migração de pessoas em busca de emprego. Em particular, o período foi marcado por iniciativas no âmbito do planejamento urbano, com destaque para o desenvolvimento do plano de arborização municipal.

Este artigo lança luz sobre uma narrativa complexa que permeia a integração de árvores nas ruas, praças e parques da cidade, explorando as políticas públicas que orientaram e moldaram essa transição verde. Desde os primórdios da arborização nos anos 60 até as mudanças observadas no início da década de 90, examinaremos as estratégias implementadas

pelas autoridades municipais para cultivar não apenas árvores, mas uma visão de sustentabilidade, bem-estar e beleza paisagística. Ao mergulhar nesse período crucial, veremos as decisões políticas que forjaram a silhueta arborizada de Chapecó, revelando as nuances das políticas públicas que ajudaram a moldar a identidade urbana da cidade nesse contexto temporal específico.

Objetivo

O presente trabalho tem por objetivo analisar as políticas públicas implementadas pela prefeitura municipal de Chapecó para plantar árvores nos espaços urbanos.

Metodologia

A história ambiental é uma abordagem interdisciplinar que se propõe a compreender a interação entre a humanidade e o meio ambiente ao longo do tempo, destacando mudanças e continuidades nas relações entre sociedade e natureza. A metodologia de história ambiental busca examinar essas interações através de uma lente histórica, usando fontes variadas para reconstruir e analisar os eventos e processos que moldaram as percepções e as práticas ambientais. Nas décadas de 1960 a 1990, um período marcado por transformações sociais, políticas e ambientais significativas, a análise das fontes históricas, especialmente jornais como jornais, emerge como uma ferramenta crucial para a compreensão dessas dinâmicas.

Autores do campo da história ambiental, como William Cronon e Donald Worster, destacam a importância de a sociedade considerar a interconexão entre o meio ambiente. Cronon, em seu trabalho “Mudanças na Terra” (1983), argumenta que a análise ambiental deve transcender as categorias tradicionais de história, integrando elementos ecológicos e humanos. Worster, autor de "Nature's Economy" (1977), ressalta a necessidade de examinar as ideias e valores culturais que influenciam as atitudes em relação à natureza.

Já os autores José Augusto Pádua e José Augusto Drummond enfatizam a importância de considerar a natureza como parte integrante da narrativa histórica. Suas abordagens destacam como as mudanças ambientais influenciam e são influenciadas por eventos

históricos. A proposta teórica por esses autores sugere que a análise de jornais e outras fontes contemporâneas podem revelar nuances essenciais sobre a interação entre sociedade e ambiente ao longo do tempo.

Para explorar os planos governamentais de plantio de árvores na área urbana de Chapecó, especialmente nas décadas de 1960 e 1990, a utilização de fontes históricas, especialmente jornais, se revela fundamental. A metodologia empregada nesse processo é essencial para contextualizar, e analisar e interpretar as mudanças ambientais e as respostas sociais a elas. No contexto específico das décadas de 1960 a 1990, a metodologia de história ambiental pode ser aplicada utilizando de fontes documentais como os jornais

Resultados

A implementação da arborização em Chapecó teve início no final da década de 1950 e ficou caracterizada pela introdução de espécies exóticas, especialmente o Ligustro (*Ligustrum spp.*), originário do Japão, Coréia, China, Europa e Norte da África. De acordo com o Plano de Arborização de Chapecó,

Relatos indicam que as primeiras mudas de Ligustro foram plantadas na Avenida Getúlio Dornelles Vargas, trazidas de Farroupilha, Rio Grande do Sul, por Edmundo Soprana, na década de 1950. Naquela época, especulava-se que as mudas foram mantidas vindas da Itália, embora não exista um registro oficial que confirme essa informação (Plano de Arborização Urbana de Chapecó, 2020, p. 11).

A veracidade da importação das espécies arbóreas não pode ser confirmada nem refutada; entretanto, é um fato que as árvores foram efetivamente plantadas na região central da Avenida Getúlio Vargas, a principal do centro da cidade de Chapecó, conforme evidenciado na imagem da [figura 1](#).

VII HISTÓRIA EM DEBATE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
E VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGH/UFS
ISSN 2675-0635



Figura 1: Vista parcial da Avenida Getúlio Vargas em Chapecó-SC na década de 1950.

Fonte: Acervo online CEOM/UNOCHAPECO. Disponível em:

http://pegasus.unochapeco.edu.br/ceom/ceom/index/index.php?codseq_imagem=917&ficha=501. Acesso em 15 jan 2023.

Na imagem da [figura 1](#), é possível observar as árvores ao longo da Avenida Getúlio Vargas, as quais, quando jovens, foram submetidas a uma poda drástica em formato de cálice. Com o passar do tempo, as administrações chegaram à conclusão de que os ligustros não deveriam mais ser podados de maneira drástica; ao invés disso, deveriam passar por podas de condução, conforme descrito no Plano de Arborização Urbana de Chapecó, de 2020.

Anteriormente, na década de 1980, Chapecó era conhecida como a "cidade das rosas"¹. Nessa, as avenidas e praças da época central da cidade eram adornadas por consideráveis canteiros de rosas. Além disso, havia viveiros dedicados ao plantio e distribuição de rosas, sendo o senhor João responsável por esse embelezamento e pela arborização da cidade. Essa narrativa foi destacada em uma matéria do Diário da Manhã, publicada nas edições de 31 de agosto e 1 de setembro de 1991, que ressalta a história de vida de alguém que dedicou sua vida ao cuidado da natureza.

¹ Na década de 80, as rosas faziam parte da decoração do município e estavam presentes nos canteiros das principais ruas da cidade – entre elas, a Avenida Getúlio Vargas. Com o tempo, outras flores passaram a compor a paisagem do município – como o ipê rosa, que agora enchem os olhos de quem passa pela principal avenida de Chapecó. Disponível em: <https://clicrdc.com.br/categoria-geral/chapeco-103-anos-fatos-que-marcaram-a-historia-do-municipio/>. Acesso em 10 Abr 2023.

Entretanto, os planos de arborização coordenados pela prefeitura já estavam em andamento muito antes. Nos anos de 1986, já existiam projetos de arborização para Chapecó, conforme noticiado no mesmo jornal, na edição de 7 e 8 de junho de 1986, com o título "Começou a arborização no calçadão" (Rua Benjamin Constant). O serviço, iniciado naquele ano, especificava quais espécies seriam plantadas e como o processo seria demorado.

Serão arborizados cinquenta canteiros grandes e 14 pequenos, com árvores ornamentais, em forma de coquetéis que variam conforme o tamanho do canteiro e sua localização. Já foram plantadas 19 *Tibouchina sellowiana*, conhecidas quaresma e mais *Yucca aloifolia*, além de 18 espécies de flores, que farão parte da arborização do calçadão. Numa próxima etapa serão implantados os demais itens que constam do calçadão, fazendo com que se torne um dos mais belos do estado (Diário da Manhã, 1986, p. 2).

No caso da primeira planta, a *Tibouchina sellowiana*, popularmente conhecida como quaresmeira, é uma espécie típica brasileira encontrada em florestas ombrófilas densas e na Mata Atlântica. Em contrapartida, a segunda planta, *Yucca aloifolia*, é um arbusto pertencente à família *Agavaceae*, nativa dos Estados Unidos, México, Bermudas e Caribe, caracterizando-se, portanto, como uma planta exótica. Nota-se uma combinação interessante entre o plantio de árvores nativas e exóticas, sendo que a segunda é destinada a fins ornamentais em jardins.

A notícia também menciona que, simultaneamente ao trabalho no calçadão da cidade, a Rua Fernando Machado foi alvo do plantio de grama e de "chuvas de ouro". A planta referida na reportagem é a *Cassia fistula*, uma árvore da família *Fabaceae*, originária da Índia e, portanto, considerada exótica, vinda da Ásia.² Conforme detalhado no Plano de Arborização de Chapecó, a utilização dessa espécie, conhecida como "chuvas de ouro", foi temporária, e após a era dos ligustros, ela foi considerada flexível para arborização urbana devido à fragilidade da madeira, vulnerabilidade a severa e intolerância a podas, características que naturalmente são benéficas para o seu envelhecimento (Plano de Arborização Urbana de Chapecó, 2020, p. 15).

No ano de 1988, o jornal Diário da Manhã divulgou a notícia com o título "Arborização da cidade", abordando o plantio e replantio de 8 mil mudas ornamentais em toda a malha viária. A matéria explicou que a prefeitura, por meio da secretaria municipal de serviços urbanos, expandiu os trabalhos de arborização em comparação ao ano de 1987.

² Disponível em: <https://www.floresefolhagens.com.br/chuva-de-ouro-cassia-fistula/> Acesso em 18 jan 2023.

VII HISTÓRIA EM DEBATE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
E VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGH/UFS
ISSN 2675-0635

Embora não tenha considerado as espécies das mudas, outra parte da matéria indicou que a prefeitura fez mudas de plantas ornamentais e nativas para a população. O texto concluiu que as mudas foram distribuídas e replantadas em vias, avenidas do centro da cidade, canteiros centrais de vias pavimentadas, praças, parques e escolas (Diário da Manhã, 1988, p. 1).

Em adição à notícia citada, o artigo informou sobre outros serviços da secretaria municipal de serviços urbanos, como capina, varrição de ruas e reparos nas ruas e avenidas da cidade. É relevante ressaltar que à medida que as ruas eram pavimentadas, o planejamento de árvores também se tornava parte integrante do projeto entregue pela prefeitura.

Para o ano de 1989, em antecipação ao Dia da Árvore, foi publicada uma notícia intitulada "Começa a arborização e ajardinamento". O início da matéria informa que a prefeitura iniciou o plano diretor de arborização e ajardinamento, prevendo o plantio de 20 mil árvores e 10 mil conjuntos florais. O objetivo era começar pelo centro da cidade e expandir para praças e parques no restante do município. Essa notícia destaca a importância da arborização como uma "melhoria das condições ambientais da cidade, proporcionando sombreamento, amenizando as oscilações térmicas, os ruídos, os ventos e o pó" (Diário da Manhã, 1989, p. 6).

Para celebrar o Dia da Árvore em 21 de setembro de 1989, a prefeitura de Chapecó realizou o plantio de 300 mudas de essências nativas na Avenida Fernando Machado e distribuiu mudas para 40 escolas do município, conforme notícia do jornal Diário da Manhã com o título " Prefeitura comemora o dia da árvore" (Diário da Manhã, 1989, p. 7).

A matéria utiliza inicialmente o termo "essências nativas", mas ao comentar sobre o plantio das árvores na Avenida Fernando Machado, menciona as espécies "extremosa", "chuvas de ouro" e "azaleia", trazendo a rearborização da avenida, além de árvores prejudicadas, embora essas plantas sejam originárias da Ásia.

Para a distribuição em 40 escolas, a prefeitura ampliou o número de espécies, incluindo Grevílea, Ipê, Aroeira e Eucalipto, sendo que apenas Ipê e Aroeira são originárias do Brasil, enquanto Grevílea e Eucalipto são originárias da Oceania. Essas foram destinadas ao plantio em escolas de espécies (Diário da Manhã, 1989, p. 7).

A matéria informa sobre o Horto Florestal de mudas da prefeitura de Chapecó, localizado na Floresta Nacional de Chapecó (FLONA), criado em 1988 em parceria com a prefeitura municipal. O horto possui 3.000 metros quadrados e capacidade máxima de

produção de 1.000.000 de mudas anuais, incluindo erva mate, eucalipto, cedro, ipê roxo, aroeira piriquireta, acácia, manduirana, canafistula, acácia mimosa e grápia (Diário da Manhã, 1989, p. 7).

A matéria destaca que as mudas produzidas pelo horto, em sua maioria, são de espécies nativas brasileiras, exceto pelo eucalipto, originário da Oceania, mas amplamente utilizadas em campanhas de reflorestamento desde a década de 1970. No entanto, essas mudas não eram destinadas ao planejamento urbano, sendo direcionado principalmente para as propriedades rurais do município.

A preocupação da prefeitura com o vandalismo no patrimônio público das ruas da cidade fica evidente em uma notícia de novembro de 1989, intitulada "Destruição de árvores". O vice-prefeito Dilso Cecchin denunciou o vandalismo, mencionando que árvores plantadas na avenida Nereu Ramos foram danificadas. O prefeito lamentou a situação, destacou os custos de produção e manutenção das árvores e flores, ameaçando interromper a arborização urbana se o vandalismo persistisse (Diário da Manhã, 1989, p. 8).

Em 1990, a prefeitura planejava plantar cerca de 20.000 a 30.000 florais, seguindo o plano diretor de arborização e ajardinamento. A matéria também informa sobre os investimentos em plantio e replantio de árvores na área urbana da cidade, totalizando 10.000 roseiras e 1.500 árvores plantadas. O planejamento foi distribuído conforme o plano diretor (Diário da Manhã, 1989, p. 8).

As rosas foram plantadas no centro da cidade de Chapecó, na praça Coronel Bertaso, na Avenida Getúlio Vargas e no edifício sede da Administração Municipal, além dos principais cruzamentos. Foram plantadas 1.500 árvores nas ruas Fernando Machado, Nereu Ramos, General Osório e Porto Alegre. Na Nereu Ramos, foram plantadas 800 touceiras de hortênsias, os canteiros centrais da rua Brusque, Bairro Bela Vista, receberam 200 paineiras. Essa via servirá como "ensaio" para o emprego da paineira na arborização de outras áreas urbanas (Diário da Manhã, 1989, p. 9).

De alguma forma, a implementação da arborização na área urbana de Chapecó se encontra em uma fase de experimentação, ao introduzir a paineira como planta. Apesar de ser originária do Brasil, a paineira não é uma espécie predominante na região Sul, sendo mais comum em áreas mais próximas ao norte do estado do Paraná.

A matéria também destaca os trabalhos de tutoramento (apoio com estacas) e poda realizados em árvores já crescidas. Contudo, o aspecto mais notável deste artigo é a origem das mudas de plantas que seriam utilizadas na implementação do plano de arborização da cidade, conforme indicado na reportagem.

Para sustentar o plano de arborização e ajardinamento, a equipe da Secretaria de Serviços Urbanos e Meio Ambiente chefiada pelo agrônomo Maíke Casagrande instalou 15.000 estacas de hortênsias, 10.000 estacas de azaléias, 1.000 estacas de extremosas, 1.000 estacas de ligustro, 2.000 mudas de chuvas de ouro, 2.000 estacas de camellia leandria, 1.500 estacas de hibiscus, 2.000 cavalos de roseiras, 2.500 enxertos e 8.000 estacas de roseiras no Horto Florestal Parque das Palmeiras (Diário da Manhã, 1989, p. 9).

Além das mudas produzidas no Horto Florestal Parque das Palmeiras, a prefeitura também contou com a produção proveniente do Horto da Floresta Nacional de Chapecó (FLONA). Este último foi interrompido por meio de um convênio entre a CIDASC (Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina) e a prefeitura municipal. Conforme a mesma notícia destaca, essa colaboração foi estabelecida como uma condição essencial no Plano Diretor de Arborização, sendo considerada pré-requisito indispensável para a completa realização das obras e serviços planejados. Em outras palavras, os viveiros existentes desempenharam um papel fundamental na arborização da área urbana de Chapecó.

A matéria do jornal ainda incluiu uma imagem (Figura 2) que ilustra o processo de conservação das árvores, bem como o local de plantio das árvores mencionados anteriormente.

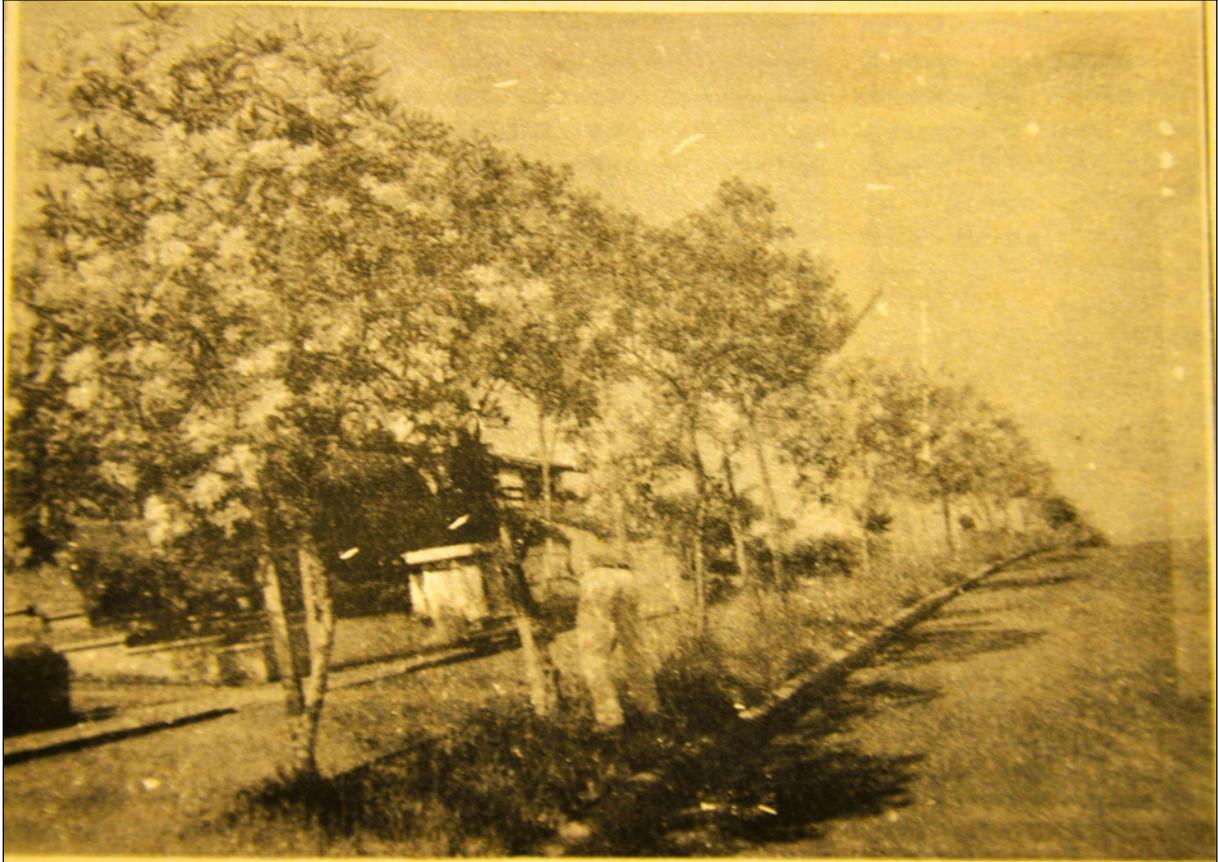


Figura 2: Vista de funcionário realizando a conservação (poda) em árvores localizadas no canteiro central de rua na cidade de Chapecó

Fonte: Jornal Diário da Manhã, 1989, p. 9.

A identificação precisa da espécie arbórea na imagem torna-se desafiadora, pois a fotografia carece de legenda na reportagem. Nesse contexto, a imagem complementa a matéria mais como uma representação visual do trabalho de poda do que como um meio de identificar uma espécie específica. A falta de esclarecimento sobre a rua em que a conservação foi realizada também dificulta a atribuição de um nome a esse local, embora seja mencionado que o trabalho ocorreu em diversas discussões anteriormente mencionadas.

O horto florestal mantido pela prefeitura em parceria com a Floresta Nacional é parte integrante do plano diretor de arborização e ajardinamento previsto em 1989. Em 1991, a recomposição da cobertura florestal do município se torna imperativa, conforme reportagem do jornal Diário da Manhã intitulada "Mudas recompõe cobertura florestal" (Diário da Manhã, 1991, p. 3).

A matéria fornece informações adicionais sobre a produção do horto florestal da prefeitura, destacando a utilização de mudas para distribuição entre agricultores, agroindústrias e também no programa de arborização de áreas urbanas, como praças, parques e logradouros públicos.

Encerrando o texto, retomamos a história do Jardineiro João Trevisan, que dedicou 14 anos (desde 1977) ao cuidado das flores e da arborização em Chapecó. A reportagem, publicada no Jornal Diário da Manhã em 31 de agosto e 1 de setembro de 1991, descrevendo sua trajetória de vida. Conforme a matéria, João Trevisan supervisionou o plantio de aproximadamente 80% das árvores e arbustos até 1991, dedicando sua vida à natureza. Seu trabalho no embelezamento dos canteiros centrais com flores contribuiu para que Chapecó fosse reconhecida não apenas como uma "capital do oeste", mas também como uma "cidade das rosas", devido à abundância de plantas nas ruas. O Horto Florestal Parque das Palmeiras, previsto naquele período, tornou-se o principal fornecedor de rosas para o ajardinamento.

O sonho do desejo era ver a cidade tornar-se cada vez mais bela. Sob a cooperação de João Trevisan, a prefeitura idealizou e embelezava a cidade em preparação para os Jogos Abertos de Santa Catarina. Além de plantar rosas e flores nas ruas e praças, a cidade estendia esse embelezamento aos ginásios de esportes e locais dos jogos, eventos que a "capital do Oeste" era reconhecida como a "cidade das rosas".

A cidade de Chapecó, em tempos passados, foi renomada por sua floresta da Mata Atlântica, predominantemente composta por Araucárias, Cedros, Canjeranas, Grápias, Angicos e Louros. Contudo, ao seguir o padrão de outras cidades, Chapecó optou por adotar espécies exóticas para a arborização de seus parques, praças e espaços públicos. Esse direcionamento ocorreu após a derrubada da vegetação natural, especialmente das árvores de grande porte, resultando no plantio subsequente de ligustros, extremosas e chuvas-de-ouro.

Ao concluir a pesquisa, constatamos que as políticas voltadas para a criação e preservação de parques, assim como a arborização em Chapecó, tiveram início tardiamente, principalmente a partir do começo da década de 1980. Essa tendência se destacou ainda mais após a promulgação da Constituição Federal de 1988, momento em que a preocupação com o meio ambiente estava intrinsecamente relacionada à saúde, ao bem-estar social e ao lazer da comunidade chapecoense, que crescia progressivamente.

Percebeu-se que o plano de arborização da cidade priorizou os logradouros, utilizando árvores exóticas e nativas provenientes do horto florestal da prefeitura municipal, localizada na Floresta Nacional de Chapecó. Além das árvores, o plantio de rosas e outras plantas arbustivas contribuiu para a diversificação e embelezamento do ambiente urbano.

A pesquisa revelou que o plano de arborização implementado na cidade de Chapecó, abrangendo praças, parques e espaços públicos adotando o plantio de árvores exóticas, mesmo que adaptando-se à região, foi de forma equivocada, pois mesmo que a administração municipal justificou essa escolha com base no valor paisagístico e estético que essas espécies conferiam à cidade, muitas das árvores plantadas revelaram ser frágeis e com folhagem, resultando em acidentes à queda de galhos e desfolhamento excessivo.

Referências

AB'SABER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 4. ed. 2003.

BENJAMIN, Antônio Herman V. **Introdução ao Direito Ambiental Brasileiro**. Revista de Direito Ambiental. São Paulo, v. 4, n. 14, p. 48-82, abril/junho de 1999.

CARBONERA, Miran, ONGHERO, André Luiz, RENK, Arlene, SALINI, Ademir (ORGs). **Chapecó 100 anos: história plurais**. 2 ed. Chapecó, SC: 2018.

CARVALHO, Ely Bergo de. **O Código Florestal brasileiro de 1934: a legislação florestal nas disputas pelo território, um estudo de caso**. In.: Anos 90, Porto Alegre, v. 23, n. 43, p. 417-442, jul. 2016.

CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. **Uma grande empresa em meio à floresta: a história da devastação da floresta com araucária e a Southern Brazil Lumber and Colonization (1870-1970)**. Florianópolis: UFSC, 2010. (Tese de Doutorado em História)

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CRONON, William. **Mudanças na Terra: Índios, Colonos e a Ecologia da Nova Inglaterra**. Editora: Hill and Wang 1983.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DRUMMOND, José Augusto. **História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa.** In: Estudos Históricos, v. 4, n.8, 1991.

FRANCO, José Luiz de Andrade, DRUMMOND, José Augusto. **Alberto Sampaio – Um botânico brasileiro e seu programa de proteção à natureza.** In: Varia História. Vol. 21, nº 33, Belo Horizonte: UFMG, 2005.

FRANCO, José Luiz de Andrade. **A primeira conferência Brasileira de Proteção à natureza e a questão da identidade nacional.** In: Varia História. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

FRANCO, José Luiz de Andrade, SHITTINI, Gilberto Menezes, BRAZ, Vivian da Silva. **História da conservação da natureza e das áreas protegidas: Panorama geral.** In.: Revista Historiae. Rio Grande: 2015. P. 233-270.

GEHARDT, Marcos. **História Ambiental da Erva Mate.** Florianópolis: UFSC, 2013. (Tese de Doutorado em História)

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 1992.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

LEITE, P. F.; KLEIN, R. M. **Vegetação.** In: IBGE. Geografia do Brasil: Região Sul. Rio de Janeiro: IBGE – Diretoria de Geociências, 1990. p. 113-150. (vol. 2).

LUCA, Tania Regina de. **Notas sobre os historiadores e suas fontes.** Méti: História & Cultura, v. 11, p. 13-21, 2012.

MAIA, Claudio Machado, SILVA, Gabriela Borges da, ALMEIDA, Julio Henrique Danielli de. **Os parques urbanos e sua função social, subsídios para elaboração de políticas públicas.** In.: Desenvolvimento Regional: Processos, Políticas e Transformações Territoriais. Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, 11 a 13 de setembro de 2019.

MALAN, Alfredo. **O Passo de Goio-En.** In: Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catharina. Volume VII. 1918. 3º Trimestre. Florianópolis: Typ. da Escola de Aprendizes Artífices, 1918.

MELO, Mariana Inocência Oliveira. **Parque urbano, a natureza na cidade: práticas de lazer e turismo cidadão.** Universidade de Brasília, 2013. (Dissertação)

MORETTO, Samira Peruchi. **Remontando a floresta: a implementação do Pinus e as práticas de reflorestamento na região de Lages (1960 - 1990)**. Florianópolis, SC 2010. 281 p. (Dissertação)

MORETTO, Samira Peruchi. **A domesticação e a disseminação da feijoa (Acca Sellowiana) do século XIX ao século XX**. Florianópolis: UFSC, 2014.

ONGHERO, André Luiz, FRANCESCHI, Lucas Antonio Franceschi. **Rio Uruguai, usos e recursos: memórias de moradores do Oeste de Santa Catarina e Noroeste do Rio Grande do Sul**. In: Cadernos do CEOM. Ano 21. No 29. Bens culturais e ambientais. Chapecó, SC. 2009. 107-132.

PÁDUA, José Augusto. **As bases teóricas da História Ambiental**. In: Estudos Avançados, vol. 24, n. 68, São Paulo, 2010.

PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

Prefeitura Municipal de Chapecó. **Plano de desenvolvimento rural**. Prefeitura Municipal de Chapecó, 2015.

Prefeitura Municipal de Chapecó. **Plano de Arborização Urbana de Chapecó**. Prefeitura Municipal de Chapecó, 2020.

RADIN, José Carlos, CORAZZA, Gentil. **Colonização**. In: Dicionário histórico-social do Oeste catarinense. Chapecó: Editora UFFS, 2018, pp. 35-40.

RENK, Arlene. **A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2006.

RIBEIRO, Michely. **Um Histórico da Criação da Flona: A Floresta Nacional de Chapecó (1960-1988)**. Chapecó: UFFS, 2022. (TCC).

SANTOS, M. **1992: a redescoberta da natureza**. Revista Estudos Avançados. São Paulo, v. 6, n. 14, p. 95-106, jan./abr. 1992.

VALENTINI, Delmir José. **Tropeiros, ervateiros e balseiros: memoráveis personagens da história do sertão catarinense**. In: Ágora. Revista de divulgação científica, UnC, v. 6, n. 1, 1999.



VII HISTÓRIA EM DEBATE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
E VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGH/UFS
ISSN 2675-0635

VICENZI, Renilda. **Nos campos de cima da serra: ser preto, pardo e branco na vila de Lages, 1776-1850.** 232 p. Tese (Doutorado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós Graduação em História. São Leopoldo, 2015.

WENTZ, Liliane Irmã Mattje. **A questão do desmatamento: as florestas no Rio Grande do Sul.** In: Anais do II Congresso Sul-americano de História. Passo Fundo: UPF: IPGH, 2005.

WOLOSZYN, Noeli. **“Em busca da terra: colonização e exploração de madeiras no Oeste Catarinense”.** In: Anais do VI Congresso Internacional de Educação. Concórdia: UnC, 2007.

WOLOSZYN, Noeli. **Trabalhadores do Rio: os balseiros do Rio Uruguai 1930 - 1960.** Passo Fundo: UPF, 2006. (Dissertação de mestrado)

WORSTER, Donald. **Para fazer história ambiental.** in: Estudos Históricos, v.4, n.8, p.198-215, 1991.

WORSTER, Donald. **Economia da Natureza: Uma História das Ideias Ecológicas.** Nova York: Universidade de Cambridge, 1977.

Periódicos

15000 LÍRIOS EMBELEZAM CHAPECÓ. *Jornal Diário da Manhã.* Ano XII. Nº 75. 14 de janeiro de 1991. p. 12.

ACARESC VAI AUMENTAR NUMERO DE MUDAS. *Jornal Diário da Manhã.* Ano IV. Nº 250. 28 de setembro de 1983. p. 1.

ARBORIZAÇÃO DA CIDADE. *Jornal Diário da Manhã.* Ano IX. Nº 61. 12 de Janeiro de 1988. p. 1.

CHAPECÓ GANHA PARQUE MUNICIPAL ÍNDIO CONDÁ. *Jornal Diário da Manhã.* Ano I. Nº 86. 7 de fevereiro de 1980. p. 7.

COMEÇARAM A ARBORIZAÇÃO E AJARDINAMENTO. *Jornal Diário da Manhã.* Ano X. Nº 233. 16 e 17 de Setembro de 1989. p. 6.

COMEÇOU A ARBORIZAÇÃO NO CALÇADÃO. *Jornal Diário da Manhã.* Ano VII. Nº 165. 7 e 8 de junho de 1986. p. 2.

MUDAS RECOMPÕE COBERTURA FLORESTAL. *Jornal Diário da Manhã.* Ano XII. Nº 69. 4 janeiro de 1991. p. 3.



VII HISTÓRIA EM DEBATE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
E VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGH/UFGS
ISSN 2675-0635

PARQUE DAS PALMEIRAS EM COMPLETO ABANDONO. *Jornal Diário da Manhã*. Ano IV. Nº 61. 09 de janeiro de 1983. p. 8.

PRAÇA SÃO CRISTOVÃO TOTALMENTE ARBORIZADA. *Jornal Diário da Manhã*. Ano IV. Nº 245. 21 de setembro de 1983. p. 1.

PREFEITO PEDE CUIDADO COM PRAÇAS E PARQUES PÚBLICOS. *Jornal Diário da Manhã*. Ano IV. Nº 246. 22 de setembro de 1983. p. 6.

PREFEITURA COMEMORA O DIA DA ÁRVORE. *Jornal Diário da Manhã*. Ano X. Nº 236. 21 de Setembro de 1989, p. 7.

PREFEITURA DISTRIBUIRÁ 500 MIL MUDAS DE ÁRVORES ESTE ANO. *Jornal Diário da Manhã*. Ano XI. Nº 136. 28 e 29 de abril de 1990. p. 1.

PREFEITURA RESTAURA ARBORIZAÇÃO. *Jornal Diário da Manhã*. Ano XI. Nº 42. 9 e 10 de Dezembro de 1989. p. 9.

PROGRAMA ADOTE UMA PRAÇA TEM APOIO DOS EMPRESÁRIOS. *Jornal Diário da Manhã*. Ano XI. Nº 159. 1 de junho de 1990. p. 11.

REFORMA COMPLETA NO PARQUE PALMITAL. *Jornal Diário da Manhã*. Ano XI. Nº 134. 26 de setembro de 1990. p. 12.

VAMOS DESENVOLVER À TERRA O VERDE DAS FLORESTAS. *Jornal Folha do oeste*. 1972. Ano VII. edição Nº 259. p. 13, 20 e 29.